

## **A infância fora da norma – reflexões sobre a infância de um menino gay e pobre**

“Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar  
Fé em Deus, DJ”<sup>1</sup>

Cidinho e Doca

Resende, 23 de fevereiro de 1994. Após nove meses de uma gestação, relativamente, tranquila, de idas e vindas do trabalho, as dores do parto começam. Mas como ir para o hospital? Não haviam ambulância, carro ou ônibus. A solução foi pedir ajuda para a vizinha que tinha um carro e que poderia auxiliar nesse momento tão mágico e tão conturbado – horas antes as duas famílias tinham discutido e se enfrentado, mas o olhar atento e a sensibilidade fizeram com que os vizinhos ajudassem aquela mãe, sem pensar em nada que havia acontecido, assim nasceu mais uma criança numa cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Uma família de mais três crianças, pais trabalhadores e uma casa simples (bem simples). Mas a simplicidade - que é sinônimo de amor, cuidado, atenção e coletividade. A vida de uma mãe e de um pai trabalhador fez com que as crianças se criassem, compartilhassem experiências boas e ruins, sob a supervisão desses pais – chegavam à noite e buscavam saber o que havia acontecido durante o dia. O que acontecia? Cada dia era um dia! Brincavam, brigavam uns com os outros, inventavam comidas e formas de fazer arte – nunca será esquecido o ateliê construído, pelas próprias mãos, na casinha do cachorro.

Retomar às memórias da infância faz recordar da forma como vivia e construía as ideias sobre o mundo, as pessoas e as relações que eram estabelecidas com os outros. Desde cedo, uma criança “boazinha” e isso fazia com que a maioria dos familiares o gostassem, mas quando não se sentia bem em algum lugar, movimentava-se ao ponto dos outros perceberem que não estava bem (tem uma tia que nunca mais quis que fosse à casa dela).

---

<sup>1</sup> Para além de uma epígrafe, essa música fez e faz parte da minha vida. Ouvi quando criança e quando ouço, relembro e ressignifico diversas questões que perpassam a minha vida.

Foi sendo construído e constituído dentro de uma norma, que sabia que não servia para si – era uma simples forma de agradar aos outros e/ ou evitar o conflito, seja na família ou em qualquer lugar que eu fosse.

Sentiu-se diferente dos outros, mas não sabia denominar o que era, mas era algo muito dolorido que vivera desde que começou a se perceber no mundo.

No início do processo de escolarização, sempre buscou fazer tudo o que a professora pedia, apesar de muitas delas eu nem entender o porquê. Até hoje me questiono o motivo de fazer bolinhas para colar no abacaxi – um abacaxi que tinha olhos e bocas. Ao recordar os momentos da educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, emerge à cabeça **“eu só quero é ser feliz”**. Ser feliz, do ponto de vista individual, era poder ser quem se era, brincar, ousar, pintar e transgredir, mas recorda-se pouquíssimas vezes desses momentos, porque a escola aprisionava e não imaginara que isso aconteceria de uma forma ainda mais intensa. Aprisionava a forma de pensar? Também! Mas a forma como eu era e vivia se tornara o principal aprisionamento que fui vivenciando ao longo do meu período de escolarização.

O tempo foi passando (2005-2009) e **“andar tranquilamente”** não era um movimento tão simples de se fazer. Ir, voltar, perguntar, questionar, foram ações que ao pouco se perderam, porque, no contexto da sala de aula, existir e se fazer presente era algo muito doloroso. Por quê? Porque ele, aquele menino que desde cedo luta para (r)existir, percebe-se como um adolescente descobrindo a sexualidade e isso foi inadmissível para aquelas crianças e adolescentes que conviviam com ele.

A escola fora importante para ele e sua família, mas isso não anulava todas as dores e sofrimentos que lá foram vivenciados – diariamente, um garoto de uma escola pública vivia com a homofobia frente a frente. Nesse contexto, o que a escola fazia? Ela não se apropriava da responsabilidade de lutar com seus estudantes e nem de construir um projeto político-pedagógico democrático, e inclusivo, pelo contrário, muitas vezes reproduzia tais atitudes. Lembro-me de um dia procurar a orientadora educacional e dizer *“Eu não aguento mais ser alvo de deboche dos meus colegas. Se eu andar pela sala, já sou alvo de risadas e isso tem me angustiado.”* No mesmo dia ela conversou com um garoto da turma e o que acontecia, simplesmente foi potencializado e junto com essas ações, a dor e a força foram crescendo junto com esse menino.

Entendi que lutar era verbo e que eu precisava viver isso diariamente, seja de forma individual ou coletiva. Pensando na questão da luta coletiva, lembro-me de um período em que meus pais estavam desempregados e eu quis ajuda-lo. Eu consegui. Minha mãe fazia os brigadeiros e eu saía para vender no bairro, mas não era apenas uma venda para gerar um lucro. Eu entendi que a minha ação ajudaria a minha mãe e a minha família.

Todos os dias, quando eu voltava para casa, eu tinha a certeza que eu tinha cumprido o meu objetivo. A escola não ocupava um espaço importante em minha vida, pelo contrário, neste momento, vender doces para ajudar minha família era a minha prioridade e o que eu mais queria. Aprender a conjugação dos verbos, as mais incríveis possibilidades dos números ou a localização da Oceania não fazia sentido nenhum para mim.

Para finalizar, mas sem concluir, sem encerrar, pensava em qual seria o meu objetivo no mundo. Será que ser um garoto pobre e gay só é motivos para sofrer? Viver a infância de uma forma não tão encantada – lembro-me também que as casas que minha mãe trabalhava como faxineira sempre me deixavam encantado e ao mesmo tempo frustrado, pois aquela realidade estava longe de ser a minha. De que infância estamos nos referindo ao tratar de crianças que estão fora na normalidade imposta desde o período colonial? A educação, em seu sentido mais amplo, faz-me pensar sobre “**ter a consciência que o pobre tem seu lugar**” e isso é um dos motivos que me faz resistir diariamente e refletir sobre o meu lugar e a possibilidade de transformação da realidade. Não quero romantizar a pobreza, mas, sim: o pobre tem seu lugar!

Ser gay e pobre me faz olhar para os meus alunos de uma forma diferente e entender que cada um tem a sua história e a sua possibilidade e potencialidade de ser e aprender. Hoje, sou professor e busco, na complexidade do cotidiano escolar, encontrar caminhos outros para uma educação que respeite, seja democrática e inclusiva, possibilitando a *felicidade*, o *caminhar* e a *consciência*, como apontam Cidinho e Doca.

*Wallace Santana da Silva*

*Março de 2022*